

## Diferença Fundamental entre o Pensamento Tomista e a Filosofia Kantiana

Neilson José da Silva (Bolsista CNPq - FUNREI)

Orientador: Adelmo José da Silva

### Resumo:

O artigo pretende analisar alguns dos pontos dissidentes entre o pensamento tomista e a filosofia kantiana. Tomás, ao desenvolver de modo completamente sistemático o seu sólido pensamento, demonstrou ser possível provar racionalmente a existência e a natureza de um primeiro princípio. Partindo da teoria da causalidade, o pensador encontrou na ordem, hierarquia e harmonia do universo os atributos necessários para a elaboração *a posteriori* das cinco vias que constituem o fundamento primeiro de todo o seu sistema metafísico. Ao contrário do pensamento tomista, Kant desenvolve seu sistema partindo de um ponto de vista completamente diferente. A filosofia kantiana refuta todas as teses da existência de um ser originário. O limite do conhecimento, na concepção crítica, acaba sendo a experiência sensível e toda a tentativa de construir uma metafísica, fundamentada na demonstração de princípios especulativos, conduz a razão aos paralogismos. Portanto, os dois sistemas se articulam baseados em pressupostos distintos e a espinha dorsal da nossa análise é a tentativa de compreender como se relacionam os pontos discordantes fundamentais entre essas duas vertentes da reflexão filosófica.

Palavras-chave: Causalidade. Existência. Paralogismo.

### A Demonstração da Existência de um Primeiro Princípio:

Na Suma Teológica, sua obra mais importante, Tomás descreve de modo sistemático, claro e preciso as cinco provas da existência de um primeiro princípio. Todas as provas têm por fundamento o princípio de causalidade e correspondência e, segundo Tomás, são provas *a posteriori* por estarem fundamentadas nos efeitos do mundo natural.

O pensamento tomista demonstra que o argumento *a priori* contém uma incorrespondência lógica. A prova *a priori* é analítica. Pela simples análise conceitual das proposições podemos identificar o predicado contido no sujeito. Tomás demonstra que, no raciocínio analítico, é necessário saber o que é o predicado e o sujeito para determinarmos a verdade do juízo, ou então a análise não será por si mesma evidente. Na proposição “o círculo é redondo” poder-se-á considerar que o predicado ‘redondo’ está contido no sujeito ‘círculo’. Nessa proposição mencionada, sabemos o significado dos termos; logo, do ponto de vista lógico, não há contradição. Entretanto, se não soubermos o que é o predicado e o sujeito, não poderemos, de modo algum, identificar o valor de verdade de um juízo. Analiticamente falando, a proposição “Deus existe” é contraditória; se não soubermos “o que é ‘Deus’, ela não será por si mesma evidente”<sup>1</sup>. Portanto não podemos, por simples análise conceitual, reconhecer o predicado ‘existe’ contido no sujeito ‘Deus’. Para Tomás, somente podemos demonstrar a existência de um ser originário partindo de princípios *a posteriori*, ou seja dos efeitos que conhece-

mos do mundo natural.

Na primeira prova, Tomás procede do movimento, determinando que, no mundo natural, “todo movido por outro o é”<sup>2</sup> O movimento é uma passagem da potência ao ato. O ato é causa do movimento existente na potência. Na seqüência de elementos, que existem de modo atualizado ou apenas de modo possível, não podemos admitir um movimento que se processe até ao infinito. Precisamos de um primeiro princípio imóvel na ordem hierárquica dos elementos. Precisamos de um ser absoluto e imóvel enquanto causa primeira de todo o movimento. O ser que superou todas as suas potencialidades não existe enquanto possibilidade, mas enquanto atualidade máxima de todos os seres. Segundo Tomás, é necessário admitir a existência de um Deus que seja a causa primeira de todo o movimento.

A segunda evidência é encontrada na causa eficiente. Segundo Tomás, “não concebemos nem é possível que uma coisa seja causa eficiente de si própria”<sup>3</sup> Existe ainda uma ordem na seqüência de causas eficientes. Essa cadeia ordenada de causas eficientes não pode seguir até ao infinito. Portanto, é necessário admitir um Deus que seja a causa eficiente primeira do mundo.

A contingência e a necessidade das coisas existentes no universo exigem uma necessidade absoluta que sirva de primeiro princípio. A terceira prova advém da possibilidade e da necessidade existente nos elementos do mundo natural. Da mesma maneira que admitimos uma causa eficiente primeira, devemos admitir também que, na ordem dos seres contingentes e necessários, não se deve ir ao infinito. Devemos admitir um ser absolutamente necessário como “sendo a causa da necessidade dos outros”<sup>4</sup> Logo, denomina-se Deus o ser que é causa da necessidade dos outros seres do mundo natural.

A perfeição existe em graus em todos os seres. A quarta demonstração está fundamentada nessa escala de graus de perfeição. Os graus de perfeição, existentes no mundo natural, demonstram que “o que é maximamente tal, em um gênero, é causa de tudo o que esse gênero corresponde”<sup>5</sup> Deus é a perfeição absoluta que é causa de todos os graus menores de perfeição existentes nos seres corpóreos do universo.

Tomás demonstra na quinta prova a existência de uma inteligência suprema que governa o mundo natural. O finalismo da natureza nos propõe que alguns elementos desprovidos de razão operam sempre da mesma maneira. Existe, segundo Tomás, um ser originário que é causa da ordem e da finalidade existente no mundo natural. Essa inteligência suprema conduz todos os seres carentes de razão para que possam se ordenar visando a um fim. Precisamos de um Deus, pois “os seres sem conhecimento não tendem ao fim sem serem dirigidos por um ente conhecedor e inteligente”<sup>6</sup> O primeiro princípio é essa inteligência absoluta, causa da ordem e da finalidade do mundo sensível, que conduz os seres inferiores desprovidos de razão.

Todas as cinco provas tomista da existência de um ser originário possuem a teoria da causalidade como uma espécie de sustentáculo do seu arcabouço teórico. É visível ainda a preocupação dos escolásticos em refutar a prova *a priori* da existência de um primeiro princípio. Toda a demonstração das cinco vias inicia sua tarefa partindo do mundo sensível. Por isso Tomás conclui que são, todas elas, provas *a posteriori*. Toda metafísica tomista foi deduzida dessa tentativa de demonstração. É a demonstração da existência de uma primeira causa que sustenta o ponto de partida de Tomás, bem como todos os pressupostos teóricos do seu sistema metafísico. A partir dessa concepção

tomista da metafísica, podemos entender a crítica kantiana que consiste em refutar os pressupostos da metafísica tradicional. Somente assim é possível estabelecer os pontos dissidentes entre as duas concepções.

### **A Refutação das Teses da Existência do Ser Originário:**

O ser originário, na concepção kantiana, é aquele que serve de fundamento primeiro, ou mesmo de primeiro princípio, a toda ordem existente no universo. Segundo Kant, existem três provas possíveis já demonstradas anteriormente pelos metafísicos tradicionais. A primeira é a prova ontológica que demonstra a existência de um ser absolutamente perfeito partindo de puros conceitos do entendimento. A segunda demonstração denomina-se prova cosmológica que acredita ser possível provar a existência de Deus de modo *a posteriori*, partindo do mundo sensível e contingente para deduzir um ser absolutamente necessário como causa da necessidade dos seres inferiores. A terceira e última evidência, também considerada *a posteriori*, pretende afirmar, partindo da ordem e harmonia presentes no universo, a existência de uma inteligência ordenadora como causa primeira dessa ordem; Kant dá a esta demonstração o nome de prova físico-teológica.

A segunda e a terceira evidência kantiana estão mais próximas do sistema escolástico, pois todas as provas tomistas buscam, por meio da teoria da causalidade, como vimos anteriormente, uma certeza apodíctica da existência de um ser originário. Entretanto, trataremos aqui das três demonstrações para percorrermos o mesmo caminho de Kant na refutação das provas da existência de Deus. Kant esclarece a possibilidade de se transitar da prova físico-teológica para a cosmológica e desta para a ontológica, de modo que todas as provas que se dizem *a posteriori* não passam de provas *a priori* ocultadas.

É rejeitada, por Kant, a prova *a priori* ontológica da existência de Deus. O ser absoluto constitui uma idéia da razão que ultrapassa os limites da experiência sensível. A idéia da razão encontra-se muito além do entendimento humano. O criticismo de Kant demonstra que quando pensamos “um ser como realidade suprema (sem defeitos) mantém-se sempre o problema de saber se existe ou não”<sup>7</sup> Considerado o conteúdo *a posteriori* como o limite do conhecimento, compreende-se que, na filosofia de Kant, a existência é uma categoria do intelecto que somente possui validade rigorosa quando aplicada aos fenômenos. Num uso puramente teórico dessa categoria, na busca da demonstração de um nômemo, a razão extrapola os seus limites e cai em contradição. Portanto, a prova ontológica é falaciosa por “confundir a existência da coisa com o simples conceito da coisa”<sup>8</sup> Kant apenas reforçou a partir de um ponto de vista reelaborado a rejeição à prova ontológica; a mesma prova já havia sido recusada pelos escolásticos a partir de uma outra demonstração semelhante.

A quarta via tomista é de natureza marcadamente agostiniana, apesar de Tomás ter invertido o processo; no pensamento de Agostinho, a tentativa de deduzir um ser absolutamente perfeito é *a priori*, ao passo que em Tomás ela é considerada *a posteriori*. Assim, apesar da influência agostiniana, percebe-se uma inversão no processo. Em Kant a refutação da demonstração *a priori* tem o mesmo rigor que em Tomás. O que marca a diferença decisiva entre as duas concepções, tomista e kantiana, é o fato de que Tomás recusa a prova *a priori* mas tenta por caminhos *a posteriori*, ao passo que Kant refuta todos os caminhos de demonstração da existência de um ser originário, sejam

eles *a priori* ou *a posteriori*.

Outro paralogismo é apontado por Kant no que se refere à prova cosmológica da existência de um ser originário. A prova cosmológica está fundamentada no princípio de que “se algo existe deve existir também um ser absolutamente necessário”<sup>9</sup> Por iniciar essa demonstração partindo do mundo natural poder-se-ia pensar que a prova cosmológica é uma prova *a posteriori* fundamentada na teoria da causalidade. A demonstração cosmológica verifica que existem coisas no mundo sensível. O contingente encontra-se por toda parte. Se existe o contingente enquanto algo possível o necessário deve existir também, por conseguinte existe ainda algo absolutamente necessário. A demonstração cosmológica começa no mundo sensível, entretanto ela não permanece nele. Esta demonstração faz uso da experiência *a posteriori* do mundo para dar apenas o primeiro passo “a saber para se elevar à existência de um ser necessário em geral. O fundamento da prova nada nos pode ensinar acerca dos atributos desse ser; então a razão afasta-se”<sup>10</sup> completamente do mundo sensível, para buscar a conclusão do raciocínio a partir dos puros conceitos do entendimento. O paralogismo se completa quando é demonstrado que o “conceito puramente intelectual do contingente não pode produzir nenhuma proposição sintética como a da causalidade, e o princípio desta só no mundo sensível encontra significação e critério para sua aplicação”<sup>11</sup> Na visão kantiana a existência do ser originário não foi demonstrada com rigor por Tomás, uma vez que a terceira via tomista da existência de Deus tem o mundo sensível unicamente como ponto de partida. Abandonando depois este mundo sensível, a demonstração cosmológica comete o mesmo devaneio da prova ontológica buscando operar a síntese do raciocínio de modo puramente intelectual. Portanto, a prova cosmológica, que se gabava de operar uma síntese de modo *a posteriori*, nada mais é, segundo Kant, que uma prova *a priori* disfarçada de *a posteriori*.

A terceira e mais importante demonstração infere um ser originário como uma espécie de causa ordenadora do mundo. Denomina-se prova físico-teológica o modo pelo qual formulamos a síntese de um primeiro princípio partindo da ordem, harmonia e hierarquia dos seres. Esta demonstração julga também que toda a sua formulação esta construída tomando por base fundamentos *a posteriori* e partindo essencialmente do princípio da causalidade. Segundo Kant, esta demonstração entra facilmente em conflito consigo mesma quando percebemos que “todas as leis da passagem dos efeitos para as causas e até mesmo toda a síntese e toda a extensão do nosso conhecimento em geral reportam-se unicamente à experiência possível, por conseguinte a objectos do mundo dos sentidos e só com referência a estes podem ter uma significação”<sup>12</sup> Ora, a primeira, a segunda e a quinta via tomista estão todas alicerçadas nesta demonstração contraditória. A observação permite-nos estabelecer, a propósito da regularidade do movimento natural das coisas, uma grandeza que seja causa primeira deste processo de passagem dos efeitos para as causas, ou seja, exige uma origem absoluta que serve de sustentáculo a toda a cadeia ordenada e justaposta de elementos do mundo sensível. O princípio da causalidade fortalece a convicção da possibilidade de existência de um primeiro princípio para fundamentar a totalidade deste ordenamento. Após considerado tudo isto a razão novamente cai em contradição quando infere apoditicamente poder conhecer esta grandeza, bem como afirmar, de modo incontestável, a existência do ser originário. Esta afirmação da existência de uma primeira causa ou primeiro princípio constitui o passo decisivo para a razão formular a síntese e fazer surgir o paralogismo

que faz esta prova transitar para a demonstração cosmológica.

Como a demonstração físico-teológica subentende a prova cosmológica que, por sua vez, nada mais é que uma prova ontológica disfarçada, toda a teologia racional ficou desestabilizada e completamente contraditória. Ora, “o conceito de causa, tanto como o de contingente, num tal uso simplesmente especulativo, perde todo o significado”<sup>13</sup>. Com esta concepção Kant conclui que todas as demonstrações em favor da existência de um ser originário são passíveis de severas críticas. Nesse sentido, podemos considerar que foi de balde a pretensão tomista de construir uma metafísica fundada na demonstração da existência de princípios especulativos da razão.

### **Análise dos Pontos de Vista Colocados em Evidência:**

A demonstração da causa eficiente primeira constitui a abóbada de todo o sistema tomista. Em Tomás o estudo da realidade está consubstanciado na existência de um primeiro princípio. O tomismo entende que a matéria corruptível e contingente exige um ser originário e necessário que a traga à existência. A causa eficiente primeira constitui a base da explicação da impossibilidade do mundo possuir em si a causa do seu próprio movimento. Também, o homem, de intelecto finito, não pode, de modo algum, ter dado origem a si mesmo. É impossível ainda que o homem possa ser o autor do movimento e da ordem presentes no universo. A primeira causa geradora do universo é, para Tomás, uma inteligência absoluta. Negar a existência de um ser originário é como afirmar ser possível construir um objeto qualquer com matéria, forma e finalidade mas sem a intervenção de uma causa eficiente. Nas palavras do próprio Tomás, é o mesmo que construir uma cadeira, com tudo o que ela contém, mas sem a intervenção de um fabricante ou carpinteiro.

Na visão kantiana não se pode deduzir apoditicamente a existência real de um ser originário. Logo a prova *a priori* não possui rigor na sua demonstração. A demonstração *a posteriori*, apesar de ter uma natureza altamente persuasiva, é do mesmo modo totalmente contraditória. O arcabouço teórico de demonstração, que se considera a posteriori, utiliza o mundo natural apenas para iniciar sua tarefa. Depois de verificar uma ordem e um movimento natural no universo afasta-se desse mundo para operar a síntese do raciocínio de modo analítico, procurando a existência real do seu objeto metafísico nos conceitos puros do intelecto. Assim acontece o percurso da demonstração da prova *a posteriori*. Possuindo a convicção de ser retirada da experiência, essa prova abandona, de modo decisivo, o mundo sensível para iniciar um outro caminho de modo totalmente puro. O paralogismo é completado quando se percebe que causalidade e realidade são categorias do intelecto que são válidas somente quando consideradas dentro dos limites da experiência.

Observamos que o pensamento tomista recusa a prova analítica, mas demonstra ser possível provar a existência do ser originário partindo dos efeitos do mundo da experiência. O fundamento de toda a evidência tomista está no princípio da causalidade. Ora, para Kant o primeiro princípio não é cognoscível e, portanto, não pode ser demonstrado nem através de uma prova *a priori* e nem tão pouco por meio de provas *a posteriori*. No pensamento tomista, o uso da teoria da causalidade é estendido a objetos que estão muito além do universo condicionado pela experiência. Partindo desta análise entendemos que a causalidade e também a realidade possuem conceitos completamente diferente em cada um dos sistemas. Raciocinando com esses elementos, podemos perce-

ber uma diferença considerável entre os pressupostos filosóficos das duas concepções apresentadas.

### Conclusão:

Se entendermos o princípio da causalidade e da existência como sendo o fio condutor de toda a demonstração dos pressupostos metafísico dos dois sistemas colocados em evidência, então concluiremos que estamos diante de fundamentos inteiramente diferentes. Seguindo esta concepção, encontraremos em Tomás uma razão ainda em estado dogmático, que acredita ser possível provar, com os recursos da razão, a natureza e a existência de um ser originário. Diferente de Tomás, em Kant teremos um procedimento de natureza crítica que percebe na razão a sua fragilidade para alcançar o conhecimento das coisas que se encontram para além da capacidade cognitiva do homem. O princípio de causalidade e existência é entendido pelos dois sistemas de modo completamente distinto. Portanto, se ambos os sistemas forem compreendidos nesta direção, encontraremos os pontos dissidentes fundamentais entre tomismo e criticismo. Estas considerações nos permite compreender a possibilidade de anunciar, a partir destes pontos de vista, uma ruptura radical entre o pensamento tomista e a filosofia kantiana.

### BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Corrêia. Organização e direção de Rovílio Costa e Luís Alberto de Boni. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora, Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

### NOTAS

1. AQUINO, 1980, p. 16.
2. Idem, p. 18.
3. Idem, p.19.
4. Idem, p. 20.
5. Ibid.
6. Ibid.
7. KANT, 1994, p. 505.
8. Ibid.
9. Idem, p. 508.
10. Ibid.
11. Idem, p. 511.
12. Idem, p. 519.
13. Idem, p. 527.